



Violência

Como enfrentar esse desafio

Espalhada pelas esquinas, nas ruas, escolas e em nossas próprias casas, a violência já não é mais privilégio da periferia ou dos bairros de luxo, constantemente assaltados.

Por isso, hoje, cada vez mais os pais se perguntam para onde vão seus filhos, como será o futuro desses jovens bombardeados por cenas brutais, reais ou fictícias, que banalizam a vida?

Será que o que a mídia vem divulgando apenas expõe o que a situação social do país e o momento de crise acentuaram? Ou será que expressa o auge de um fenômeno de transformação de valores do ser humano?

Para essas perguntas não há apenas uma resposta, mas pais, alunos, educadores e psicólogos concordam, o problema sempre existiu – nas escolas e fora delas –, só que atualmente, a gravidade e a frequência com que está acontecendo aumentou.

Programas de TV, games, a mídia de um modo geral, sempre foram tachados por influenciar o comportamento do jovem, mas o que se percebe é que esses fatores tornam apenas a questão mais natural. A educação e o suporte da família ainda são a base primordial para que o indivíduo cresça mais equilibrado ou não. "Os games ou programas violentos acabam influenciando as crianças por serem modelos de atitudes passivas e coniventes com a violência", explica Maria Martha Hubener, psicóloga educacional e professora de pós-graduação da Universidade Mackenzie. Segundo a especialista, a maior parte da sociedade ainda prioriza um sistema baseado na disputa pelo poder, por isso a participação crítica dos pais na vida dos filhos e o afeto são essenciais para uma boa educação.

Já a educadora e terapeuta de família, Maria Alice Rufino, rebate com outra questão, "será que se desenvolvermos uma atitude crítica face a todos os produtos da indústria cultural em diversos ambientes: na família, em primeira instância, e depois na escola, os fetiches veiculados na mídia serão os únicos modelos de educação? Particularmente acredito que o que conta é a atitude dos pais que devem ser efetivos



Brigas e armas – Outro aspecto preocupante é o fácil acesso às armas, drogas e o comportamento que o jovem encontra nos lugares que frequenta, que faz com ele encare o assunto de maneira natural. As brigas são constantes. Quem bate, leva. É a lei. "Não sou violento, mas depois que apanhei em uma festa, sem nem saber porquê, não vacilo mais. Se vierem para cima de mim, saio batendo também", explica um dos alunos do colegial.

A arma também pode representar um status para o jovem, uma forma de se incluir no grupo ou de chamar atenção sobre ele. O fato assusta já que para muitos estudantes a violência passa a ser o ponto de referência. Essa idéia é reforçada por um grupo de alunos de sétima e oitava séries, entrevistados pelo Correio da Rainha: o jovem quer aparecer e pode fazer qualquer coisa para se destacar, inclusive ser violento. Por outro lado, eles também desmistificam a idéia de que games e filmes fortes acabam gerando necessariamente um comportamento agressivo. "Esses filmes servem de alerta, mostram a realidade, como as coisas acontecem", diz a aluna Amanda Antunes.

Na verdade, é a experiência, o que se vive no dia-a-dia que marca a personalidade dos garotos. E aí, os meios de comunicação passam a assumir outra função, pois ao mesmo tempo que aproximam o jovem da realidade e o fazem refletir, podem gerar sentimentos de medo e revolta. "Quando vejo policiais espancando civis em Diadema, eu penso que tenho que me defender", exemplifica Celso Prietto, que cursa o 3º colegial. Falta de educação, impunidade, ausência de medidas governamentais aparecem

mediadores, parceiros cuidadosos e atentos às necessidades reais de desenvolvimento da criança."



Para a orientadora do colégio Rainha da Paz, Nilba Clementi, "os modelos de relacionamento hoje são muito tensos. Há uma grande dificuldade da criança encontrar outra maneira de agir, já que os exemplos que ela vivência são de agressividade". Segundo Nilba, esse é um momento da sociedade resgatar diferentes alternativas de atuação.

Nas salas de aula, por exemplo, a manifestação da violência é visível de várias formas, que não físicas. Os alunos se agridem verbalmente, se olham feio, se ofendem e se desprezam. Mesmo no Rainha, onde o ensino acaba sendo diferenciado, pela classe social que atende e devido à orientação religiosa que propõe, essa situação é comum.

Regina Lúcia Pereira, orientadora de jardim, pré e 1ª série, acredita que hoje há um diálogo maior entre pais e filhos, mas esse diálogo é permissivo, "não quer dizer que porque há uma conversa, existe uma comunicação de qualidade", explica. Os pais não sabem se dão muita abertura – porque não querem reprimir e têm pouco tempo para desfrutar com os filhos –, ou se devem ser mais rígidos.



A professora de História das 5ªs e 6ªs séries, Cassiana Buso Ferreira, lembra que a necessidade de pais e mães trabalharem e estarem fora de casa boa parte do dia, faz com que seja transferida para a escola a tarefa de educar os filhos. "Somos educadores, estamos aqui para ensinar e dar apoio, mas sinto que os pais hoje

como grandes disseminadores da violência, mas os adolescentes elegeam ainda os conflitos em família como o grande vilão dessa história.

Para a aluna Giovana Salerno, do 1º colegial, "os pais dão muita liberdade e os filhos acabam ficando sem orientação". Os pais, é claro, se preocupam mas não falam muito sobre o assunto. Segundo os próprios alunos o diálogo ainda é pequeno. "Quando estamos juntos falamos de coisas boas, do time de futebol, do filme, na verdade, não queremos falar de coisas ruins", conta Prietto.

Na busca de soluções – Também é unânime a conclusão de que não há uma solução imediata, mas a consciência do problema e a vontade de encontrar propostas já representam um bom caminho. O que deve ser feito para obter sucesso na tentativa de minimizar o problema é um trabalho de parceria escola/família, com a cooperação efetiva dos pais, sem que esses, quando contatados, mantenham uma postura defensiva ou muito rígida. Hoje, a escola tenta avaliar o histórico do aluno quando descobre algum foco de agressividade, mas normalmente em casa as coisas já estão desestruturadas e não há um respaldo para o trabalho necessário.

Projetos da escola em que a sociedade possa participar, pode ser um opção, lembra o professor de Língua Portuguesa da 8ª série Luís Augusto de Aquino. Discutir em classe a realidade e estar sempre atento para se aproximar desse aluno parece ser outra medida razoável.

Ao contrário, Giselle Costa, mãe de aluno do Rainha, acredita que a solução não está em palestras, no discurso, e sim na experiência. "Os jovens concordam com o discurso anti-violência, o que eles não percebem é como eles realmente agem de maneira agressiva. É preciso alertá-los no momento do ato, percebendo a gravidade e discutindo o problema". Para Giselle, outro desafio é a lacuna que os pais encontram entre a educação de sua época e a atual. "Os pais não sabem o que fazer, não queremos repetir os moldes de repressão que não deram certo, mas também não sabemos qual a melhor saída."

De qualquer forma, é sempre bom lembrar do velho ditado "violência gera violência" e talvez as melhores armas para combatê-la sejam tão simples como a presença e o afeto.

esperam que a escola e diferentes instituições forneçam certos conceitos e exerçam um papel que só cabe a eles". A escola acaba sendo uma válvula de escape para os problemas familiares, sejam eles a própria violência em casa, a falta de convivência com a família ou a necessidade de se afirmar, além de outras razões emocionais.

Nessa procura pelas causas da violência, podemos destacar dois cenários: em um deles o jovem de baixo poder aquisitivo, que está excluído de qualquer mecanismo de ascensão social, sofre com a ausência dos pais e recorre à violência como revolta ou até como uma forma de mostrar poder. Em outra situação, o jovem de uma camada social mais alta, consumista, que também tem pouco convívio com os pais e sente-se inseguro diante do chamado mundo virtual, onde tudo dura muito pouco. Esse jovem não adquiriu certos valores – perdidos ao longo das últimas décadas –, e acaba extrapolando os limites. Esse quadro piora com a inabilidade dos pais em lidar com as suas emoções e as de seus filhos. "Em nossos atendimentos, cada dia mais nos deparamos com pais que não sabem como se posicionar porque estão inseguros quanto ao seu próprio futuro e procuram, sempre que questionados sobre as atitudes agressivas de seus filhos, minimizarem o fato. Por outro lado os alunos, quando chamados à reflexão, afirmam 'foi só uma brincadeira', não assumindo que agiram de forma violenta", comenta a orientadora de 5ª a 8ª séries Mônica Fleury Camargo.



Informação adicional – "Diz-se que a violência é fruto da situação econômica, mas dados do Núcleo de Estudos da Violência da USP mostram que apenas 25% dos indivíduos que ocupavam a penitenciária de São Paulo estavam em dificuldades financeiras ou desempregados quando cometeram seus crimes ou delitos", explica o professor de Educação Física do Colegial, José Luiz Sinhorini. Isso reforça a idéia de que os problemas familiares, emocionais e psicológicos acabam sendo os grandes pivôs das atitudes violentas.